

## MEMÓRIA DOS 80 ANOS DA GUERRA DO PAU DE COLHER

*Memory of the eighty years of the Pau de Colher war*

CRISTIANO DIAS DA SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem com objetivo registrar uma lembrança, uma memória do octogésimo aniversário do final da guerra do Pau de colher. Trata-se de uma breve introdução ao acontecimento. Apresentaremos alguns números do conflito; número de mortos fazendo interpretações de cunho mais filosófico-social. Depois apresentaremos dois dos principais líderes da formação do arraial fazendo algumas observações. Por ultimo, apresentaremos o posicionamento geográfico do local analisando a sagacidade dos lideres na escolha de Pau de Colher como facilidade de ajuntamento e dispersão. Trata-se de um estudo bibliográfica baseado nos escritos já existentes sobre o assunto oscilando entre a dedução e indução no formular dos argumentos. Resultado é um mosaico de informações úteis para aqueles que se deparam com o assunto pela primeira vez, além expressar novas interpretações sobre o plano geral dos fundadores do arraial.

**PALAVRAS-CHAVE:** número de mortes; geografia local; Pau de Colher.

**ABSTRACT:** The present work aims to record a memory, a memory of the 80th anniversary of the end of the Spoonwood War. This is a brief introduction to the event. We will present some numbers of the conflict; number of dead making more philosophical-social interpretations. Then we will introduce two of the main leaders of the formation of the camp making some observations. Finally, we will present the geographical positioning of the site by analyzing the wit of the leaders in choosing Pau de Spoon as a facility for gathering and dispersing. This is a bibliographical study based on the existing writings on the subject oscillating between deduction and induction in the formulation of arguments. The result is a mosaic of useful information for those who come across the subject for the first time, besides expressing new interpretations about the general plan of the camp's founders.

**KEYWORDS:** number of deaths; local geography; Pau de Colher.

### 1. INTRODUÇÃO

No ano de 1938, no interior do Sertão baiano, mais precisamente na localidade de Pau de Colher<sup>2</sup> no município de Casa Nova-Ba uma comunidade (arraial) de sertanejos com tendência messiânica foi arrasado pelos ataques das volantes policias. Os mortos desta guerra somaram mais de 1.000 durante os vários conflitos incluindo ambas as partes<sup>3</sup>. Em janeiro de 2018 completaram-

---

<sup>1</sup> Mestre em filosofia, professor efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Possui licenciatura em filosofia e bacharelado em teologia. É doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN na linha de pesquisa: Texto literário, crítica e cultura. E-mail: crist200@hotmail.com.

<sup>2</sup> Dentre as obras escritas sobre o assunto sugiro ao leitor o estudo de *Guerra do Pau de Colher: massacre à sombra da ditadura Vargas*, onde o autor diz sobre a comunidade: “As características sociais na história do arraial de Pau de Colher, ao se observar os fatos históricos, são praticamente as mesmas do Caldeirão e do Canudos. A realidade social da região era a mesma. As demandas do povo eram aquelas bem conhecidas na História: posse da terra e necessidade da liberdade, visto que, sofria a exploração política e a pressão dos fazendeiros” (DAMASCENO, 2013, p. 208).

<sup>3</sup> O escritor Marcos Damasceno intitula um dos capítulos de seu livro de “número de mortos” fica aqui a sugestão para uma leitura mais aprofundada.

se 80 anos do fim do conflito, alguns meios de comunicação da região, por exemplo, o site da Diocese de Juazeiro-Ba recordou o acontecimento<sup>4</sup>:

Há 80 anos, o arraial, localizado a 98 km da sede do município de Casa Nova (BA), na divisa com os estados de Piauí e Pernambuco, chegou a reunir aproximadamente quatro mil pessoas, população maior do que a própria sede do município e cidades vizinhas, a exemplo de Petrolina (PE) e Remanso (BA). No local, debaixo de um frondoso pé de juazeiro existia uma feira e importante ponto de encontro, bastante movimentado, mas os motivos dessa grande aglomeração foram religiosos e sociais. (MAGALHÃES/CPT Bahia, 11 dez. 2018).

Por sua vez, o grupo de Pesquisa Sertão Filosófico<sup>5</sup> abordou como um de seus temas de estudo no seu último encontro anual, uma revisão e estudo sobre alguns aspectos da Guerra do Pau de Colher. Em 2018 o grupo realizou o encontro no Instituto Federal do Sertão Pernambucano – IF SERTÃO - PE - *Campus Serra Talhada*. Como se sabe Serra Talhada é a cidade de origem de Lampião. Coincidentemente, pontos da história da vida de Lampião terminaram sendo influenciados pelo conflito de Pau de Colher. Por exemplo, a movimentação das volantes policiais em torno de Caldeirão<sup>6</sup> e Pau de colher contribuíram para a partida de Lampião para Alagoas.

Houve tanta mobilização de policias na região, que Lampião se deslocou com seu bando para o Estado de Alagoas, onde foi assassinado. De fato, existiam muitas volantes policiais perambulando pelos estados de Pernambuco, Piauí e da Bahia. Tudo por causa de Pau de Colher. Além de Ceará, por causa de Caldeirão. (DAMASCENO, 2013, p.428).

A intenção principal deste estudo é refletir sobre os números do conflito, a influência de alguns personagens do movimento, o espaço geográfico e; depois disso, em cima do exposto fazer algumas observações de cunho mais filosófico e social. Temos ainda, a intenção de manter viva a memória do acontecimento guerra do Pau de Colher<sup>7</sup>. Com o intuito de instigar novos estudos, pesquisas e revisões dos diferentes aspectos do conflito que ainda permanecem velados e a margem da história oficial do Brasil.

<sup>4</sup> Quando dizemos fim do conflito não significa um ponto final, muitas pessoas continuavam fugidas no mato. Fim aqui quer dizer o ultimo grande ataque a Pau de Colher, mas os hematomas da guerra permaneceram por anos, e continuam vivos. Em fim, vivos também continuam os sonhos dos sertanejos de não se enquadrarem nas amarras dos poderosos, e assim lutarem por suas utopias: sonhos de liberdade, religiosa, social e econômica.

<sup>5</sup> O grupo de Pesquisa Sertão filosófico é formado por estudiosos principalmente de filosofia que baseados no arcabouço filosófico estudam de forma crítica os acontecimentos, a sociedade e a realidade sertaneja de ontem e de hoje.

Visitas virtuais ao grupo podem ser feitas pelo site do Diretório de Grupos de Pesquisa CNPQ: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9914867486722829](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9914867486722829);

Ou na página do grupo: <https://sertaofilosofico.wordpress.com/>

<sup>6</sup> Sobre Caldeirão: “(...) fundada em 1926 na Serra do Araripe (na época ainda próspera), no Ceará, pelo beato José Lourenço, sob a proteção do padre Cícero. (...) Depois da morte do Patriarca de Juazeiro, em 1934, o Caldeirão tornou-se o ponto de referência religioso, no vale do Cariri, chegando a abrigar cinco mil pessoas”. (POMPA, 2009, p. 72). Ainda sobre Caldeirão: “O surto cearense do Caldeirão, liderado na década de 1930 pelo beato José Lourenço, afilhado do padre Cícero, deu origem a uma comunidade religiosa marcada por forte misticismo e trabalho cooperativo, dispersada por meio de brutal intervenção policial, empregando-se, na repressão aos adeptos, até mesmo bombardeio aéreo”. (QUEIROZ, 2005, p.137).

<sup>7</sup> O conceito de memória e acontecimento é compreendido aqui de modo mais filosófico tomando o seguinte sentido: “Manter presente o acontecimento é impe-dí-lo de se dissipar na dispersão do tempo, no esquecimento, é guardá-lo no espírito como aquilo que deve ser pensado. É a manutenção de uma memória como o re-colher do já pensado - memória como pensamento sobre aquilo que foi pensado, no sentido ainda, de aguardar o não pensado que aí se esconde”. (HEIDEGGER, 1990, p. 220; 1966, p. 161, 165; FOUCAULT, 1972, p. 153-155; apud CARDOSO, 1995, p. 58).

Apesar de ter sido mais uma chaga da história deste país no final do século XX, somos de opinião que o acontecimento deste conflito ainda é pouco conhecido, pouco divulgado e apesar dos estudos já realizados necessita de muitas pesquisas<sup>8</sup>:

Caldeirão, Pau-de-Colher, Catulé, etc., (...) não angariaram entre o público nem nos meios acadêmicos a notoriedade conquistada por Canudos, Contestado e Juazeiro, apontados, por sinal, como paradigmáticos no estudo dos “messianismos rústicos” (QUEIROZ, 2005, p.140).

Portanto, o que nos interessa neste artigo são as interpretações dos acontecidos do conflito, considerando algumas publicações sobre o assunto. Abordando os números da guerra; alguns das personagens do conflito e o contexto geográfico e social, considerando a época do acontecimento e o modo em que a guerra se desenrolou. Dessa forma, tentaremos responder as seguintes inquietações: O que nos diz os números do conflito? Quantidade de participantes? De mortos? Onde aconteceu o conflito? O local geográfico influenciou no desenrolar da guerra? Quando aconteceu? O que o contexto histórico da época diz sobre o arraial? Estamos cientes de não exaurir as respostas para tais perguntas, por isso, queremos instigar os leitores na tentativa de aprofundar, pesquisar e publicar mais sobre o assunto.

## 2. OS NÚMEROS DA GUERRA: DESENVOLVIMENTO E DECLÍNIO DE PAU DE COLHER

No seu octogésimo aniversário pouco se ouvia falar sobre o assunto *Guerra do Pau de Colher*<sup>9</sup>, ou *guerra dos caceteiros*<sup>10</sup> e parece até que se esqueceram de que de 1934 a 1938 na localidade de Pau

<sup>8</sup> Ao final deste trabalho, na bibliografia, encontra-se uma série de títulos e artigos sobre a Guerra do Pau de Colher.

<sup>9</sup> Abordar o tema “Guerra do Pau de Colher” é sem dúvida um grande desafio devido à complexidade do assunto e as diversas interpretações já efetivadas sobre o conflito. Coloco aqui a disposição às posições de dois escritores sobre o tema. Primeiro: “A história de Pau de Colher, assim como ela é contada hoje, baseia-se no inter cruzamento das memórias coletivas e individuais, conforme os diferentes grupos ou agentes sociais. Essas memórias constroem a realidade a partir da multivocalidade. Dessa maneira, os dados históricos sobre Pau de Colher são muito problemáticos. Os depoimentos frequentemente não coincidem com os documentos escritos, principalmente no que diz respeito às datas ou aos números (participantes, mortos, etc.)”. (POMPA, 2009, p. 70-71). A segunda colocação é a seguinte: “(...) o tema Pau de Colher é ainda revestido de muitos tabus e incertezas. O senso comum ficou confuso devido a muitas versões de histórias contadas, que levaram a tais desdobramentos que se deram na ação de satanizar um lado e glorificar o outro (...)”. (DAMASCENO, 2013, p.167).

<sup>10</sup> Sobre o significado deste conceito no contexto paucolherense: primeiro, “Eles portavam cacetes de madeira com uma cruz marcada: eram esses os símbolos e os meios da justiça da nova vida que o grupo pretendia fundar. Daí o nome com o qual os membros do grupo de Pau de Colher passaram a ser chamados e que os identifica ainda hoje na região: caceteiros”. (POMPA, 2009,

de Colher formou-se um aglomerado de pessoas que chegou aproximadamente ao número de 4000 (quatro mil), ou até mais sertanejos, “em 1937 foi quando o movimento se consolidou como arraial, formando-se um verdadeiro vilarejo. Já era habitado por quase 4000 (quatro mil) pessoas”. (DAMASCENO, 2013, p.259). Liderados por algumas pessoas esse povo tinha uma nova visão religiosa e social sobre o Sertão seco<sup>11</sup>. Uma vez que a comunidade crescia entre acontecimentos bons e ruins, autoridades da época se levantaram contra o arraial e o total de mortos do conflito ultrapassou o número de 1.000 pessoas. Apenas no último grande conflito foram mortos em média 400 sertanejos.

Lutaram até o último alento, sucumbindo todos. Contamos 117 cadáveres de homens combatentes, somente na área do reduto principal. Os campos ao redor estavam juncados de cadáveres, espalhados por toda parte. O proprietário da fazenda Uricouri deu-se ao trabalho de contar os mortos, que foram em número superior a 400 (GUEIROS, 1956, pp. 140-50; apud POMPA, 2009, p.78).

O ataque brutal ao arraial demonstrou a falta de habilidade e despreparo das autoridades em relação à comunidade, ou seja, falta de conhecimento da diversidade regional, cultural e religiosa daquela região. Não se poderia aceitar, por exemplo, que fanáticos invadissem fazendas e matassem pessoas. Por outro lado fica a pergunta: por que não capturam apenas as lideranças que incentivavam a violência? Por que Pau de Colher incomodou tanto que precisou ser rapidamente arrasada? A quem realmente o acampamento incomodou? Tomaram o caminho mais fácil à aniquilação e difamação, principalmente por se tratar de pessoas pobres de uma região esquecida do país. Em suas ações os poderes não tiveram a sabedoria de separar o joio do trigo, por isso o resultado foi carnificina e dor. Aquele povo no seu sertão seco queria atenção, queria alimentação e não difamação; queria terras e não escravidão; queria escolas e não balas; queria água e não fogo, fuzil, metralhadora. Queriam viver em comunidade e trocar suas experiências e não viver isoladas e distantes. Esse povo tinha sonhos, tinha utopia. Em fim queria uma experiência mais profunda com o seu Deus, a salvação de suas almas e uma vida eterna feliz: os beatos Severino Tavares e Senhorinho foram apenas o fogo na pólvora, com suas palavras e ações escancararam para sempre a realidade sofrida de uma porção do povo brasileiro.

---

p.78). Ainda outra colocação sobre o termo: “Termo que está nas falas dos remanescentes de Pau de Colher. Em sua maioria, os depoentes se referem a ‘os caceteiros’ aqueles que participaram do movimento e que usavam um ‘cacete’ de pau feito da árvore abundante no povoado que dá nome ao lugar Pau de Colher. Era mais ou menos de um metro de comprimento, boleada em quatro faces e tendo uma das extremidades perfuradas e amarrada com uma tira de sisal. Era um instrumento usado por eles e entendido como importante para conseguir a salvação”. (LEANDRO, 2003, p. 26).

<sup>11</sup> Fazendo uma análise da resignificação simbólica numa perceptiva antropológica, nos diz Cristina Pompa: “Pau de Colher obedece a duas exigências, simbólica e histórica: em primeiro lugar, ela prefigura a nova vida a ser alcançada (‘aquele respeito, aquela consideração’, ‘uma vida liberta, de viver à vontade de Deus’ – colocações de remanescentes entrevistados por Pompa); por outro lado, de-historificando o tempo vivido, protege sacralmente a ação concreta voltada para a conquista desta nova vida: a viagem”. (POMPA, 2009, p.85).

Tiveram também pessoas mortas pelos caceteiros por resistirem à ida a Pau de Colher<sup>12</sup>, ou por quererem deixar o acampamento<sup>13</sup>, houve ainda mortes nas fileiras policiais<sup>14</sup> e depois da guerra pessoas morreram no mato<sup>15</sup>.

O elevado número de mortes, principalmente para época em que na região do conflito o número de habitantes era menor, mostrou que o acampamento de Pau de Colher mexeu com a vida de muita gente e também de autoridades políticas, religiosas, e de segurança de pelo menos quatro estados, Bahia, Piauí, Pernambuco e Ceará. Acentua ainda que um movimento que teve início com uma proposta de experiência religiosa e social debandou para violência, pelo capricho que alguns líderes, por consequência gerou-se violência de todas as partes.

São consideráveis os anos que a comunidade levou para se formar, querendo dizer com isso que não foi um acontecimento que surgiu do nada, e sim que pessoas com propostas religiosas e até sociais para o sertanejo tentaram criar, ao seu modo, um novo estilo de vida, uma alternativa de sobrevivência e de liberdade. O grande aglomerado de pessoas mostra que diante do desespero da seca, do descaso social, político e religioso Pau de Colher despontou na vida de muitos como uma opção em busca de oportunidades<sup>16</sup>.

Aparentemente, percebe-se que o movimento do Pau de Colher, assim como grande maioria dos movimentos populares no Brasil, tinha a proposta de mudança social, também estrutural, da região; e conseqüentemente, da sociedade. A manifestação ocorrida lá representava uma insatisfação social do povo, na sua maioria (DAMASCENO, 2013, p.252).

No entanto, vale lembrar que a simplicidade e a fé do povo foram instrumentalizadas também para fins que se desvirtuavam do ideal original da comunidade. Outro número que chama a atenção é a quantidade de mortos, muitos morreram nos conflitos com as volantes policia, outros foram capturados no mato; o triste número de mortes atingiu todas as partes envolvidas no conflito<sup>17</sup>.

<sup>12</sup> “O fanatismo tornou-se uma crise coletiva de intolerância. (...) Aqueles fanáticos estavam dispostos a cumprir qualquer ordem, até mesmo missões delituosas. Foi o que aconteceu com Sr. José Rodrigues de Souza (Zé da Barra), (...) recusou o convite do líder do movimento (...) foi assassinado. (...) ele e alguns de sua família”. (DAMASCENO, 2013, p.253).

<sup>13</sup> “Lá houve mortos. Era gente que se revoltou. Queria sair, mas eles não deixaram. Quem tava dentro não saía mais não. Agora, eles falaram que aquele já estava em ato de desespero. Então ele ia aproveitar logo, ia salvar, ia ganhar a alma dele. Eles mandavam matar?”. (relato de Francelino, Borda, maio de 1988). (POMPA, 2009, p.77).

<sup>14</sup> “Os caceteiros reagiram e no choque morreram o cabo Vicirinha e uns soldados. Em seguida, também a polícia militar do Piauí tentou atacar o reduto, mas foi obrigada pelos adeptos a fugir”. (POMPA, 2009, p.78).

<sup>15</sup> “Agora, os que eles mataram, que a Força matou pro mato, ele não sabe quanto foi, não, mas foi muito mais do que isso. [...] Morreu vinte e duas pessoas; vinte e dois feridos que o tenente Zacarias botou lá numa casa pro mor de escapar, dando remédio. Foi uma Força daqui do Piauí: chegou lá, matou essas vinte e duas pessoas, de perverso” (relato de Francelino, Borda, maio de 1988). (POMPA, 2009, p.79).

<sup>16</sup> Não podemos deixar de sugerir a leitura do capítulo intitulado “a ida das pessoas para pau de colher” (DAMASCENO, 2013, p.258-277).

<sup>17</sup> Vale lembrar as palavras de Marco Damasceno: “É justo e necessário se dizer, também, que houve violência de toda parte (...) Primeiro, a violência partiu da classe dominante, que condenou milhares de pessoas à miséria e ao atraso. Depois da parte dos

### 3. ALGUNS PERSONAGENS: BEATO SEVERINO TAVARES E SENHORINHO

A comunidade de Pau de Colher foi composta de diversos personagens muito importantes, mas aqui falaremos apenas de dois dos mais influentes. Sem dúvidas, sem a presença de Severino Tavares<sup>18</sup> e Senhorinho<sup>19</sup> possivelmente não teria existido o arraial. A história começa um pouco antes e temos que nos referir ao arraial de Caldeirão, onde o beato José Lourenço liderava uma comunidade messiânica. Poderíamos nos perguntar aqui qual seria o plano original destes beatos? Isto é; se eles tinham um plano mais amplo? E ainda, se o plano deles tivesse dado certo? Teríamos hoje uma nova geografia sertaneja? José Lourenço enviou seu discípulo Severino Tavares para percorrer os sertões do São Francisco, principalmente a beira do rio com dois propósitos:

Convencerem os retirantes a desistirem da viagem – eles aguardavam o vapor, decididos a deixar o sertão e irem para os cafezais no Estado de São Paulo – e, ao mesmo tempo convencê-los a irem para caldeirão, localidade prospera do cearas, apadrinhada por padre Cícero. (DAMASCENO, 2013, p.10).

Quando o beato Severino tenta persuadir as pessoas a não partirem a procurarem uma solução para seus problemas sociais sem precisarem abandonar suas terras mostra que seu plano não era apenas religioso, mas também social; é nesse sentido que comunidades como Pau de Colher tornava-se um espaço de esperança na vida de muitas pessoas.

O encontro de Severino com Senhorinho talvez tenha sido um pouco por acaso, mas parecia ser a pessoa que Severino tanto esperava. Após momentos difíceis na cidade de Remanso Severino inicia sua viagem de volta para Caldeirão, mas erra o caminho e na localidade de Grotão conhece Ângelo Cabaça e este fala sobre Senhorinho.

José Senhorinho torna-se líder, e a partir de 1935 passa a realizar prolongadas rezas e a receber centenas de pessoas. Alguns vinham já decididos a residir na comunidade. Em 1937 já totalizavam quase 4000 pessoas, fanáticos religiosos. (DAMASCENO, 2013, p.11).

---

fanáticos guerrilheiros, que cometeram crimes na região. E por último, por parte da polícia, que cometeu uma chacina. (DAMASCENO, 2013, p.293).

<sup>18</sup> “Severino Tavares não morou no arraial do Pau de Colher. Ele passou pela comunidade que sediou ao acampamento antes da existência do arraial, vindo de Remanso. Nunca mais esteve lá (...) O beato Severino Tavares era um homem de visão, e muito sábio. Nos primeiros momentos em que avistou aquela localização maravilhosa da comunidade, ao amanhecer o dia, veio em mente a ideia de uma filial do arraial cearense”. (DAMASCENO, 2013, p.197).

Ainda sobre Severino Tavares: “Em 1932 foi quando veio o Conselheiro. Severino, dava nome de Severino. Ele era um homem velho, bem feito de corpo, vestido preto, um bastãozinho na mão. [...] Ele chegava nas casas, bem como tá aqui. Aí chamava o pessoal e aconselhava. Mostrava aquele caminho todo, do começo do mundo até o fim, o que ia se passar, tudo” (Francelino, Borda, maio de 1988). (POMPA, 2009, p.70).

<sup>19</sup> “Senhorinho mudou o pensamento de muitas pessoas com seus conceitos meio religião, meio regras morais (código de conduta); com um pouco de ritual social. Não é errôneo dizer-se que tinha uma gota de sociologia crítica e de filosofia política”. (DAMASCENO, 2013, p.208). Ainda sobre Senhorinho: “Único da família, Senhorinho sabia ler e gostava de ler a Bíblia, a *Missão Abreviada* e o *Caminho Recto*; era também “rezador”, conhecia rezas para curar dores e em sua casa havia festejo”. (POMPA, 2009, p.73).



Dessa forma, é principalmente a afinidade entre Severino e Senhorinho que proporcionou o início de uma comunidade mais ampla e permanente; as pessoas se encontravam não mais para uma novena de santo de curta duração, mas sim para uma experiência mais duradoura da fé, por mais dias como se fosse uma páscoa eterna. Daí surgia um conjunto de normas de convivência para orientar esse povo, também as preocupações com alimentação e, portanto, o arraial tomava proporções de uma organização social mais ampla alimentando utopias de salvação religiosa e melhorias sociais.

#### 4. O LOCAL DO CONFLITO: O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO ESTRATÉGIA DE AJUNTAMENTO E DISPERSÃO

Considerando escritos já elaborados sobre o assunto mostraremos o local da guerra<sup>20</sup>. Aqui perguntamos: o local de criação do arraial surgiu por acaso ou os líderes da comunidade o escolheram por algum motivo e facilidade? Teriam eles um plano? Por que a comunidade se estabeleceu em Pau de Colher e não em uma das tantas outras localidades visitadas pelo beato Severino Tavares? Na sua obra sobre esta guerra o escritor Marcos Damasceno descreve assim o local da comunidade e do conflito:

Pau de colher é uma localidade do município de Casa Nova-BA, aproximadamente 10 Km da divisa com o Piauí, especificamente extrema com o município de Dom Inocêncio-PI (...) fronteira entre o Sudeste do Piauí e o Norte da Bahia. (DAMASCENO, 2013, p.9).

A primeira vista parece que o aglomerado de pessoas guiadas pelos líderes do arraial de Pau de Colher surgiu por acaso, como também sua localização geográfica, sua organização social e religiosa. No entanto, poderia ser que os líderes tivessem um plano bem preciso, com ideias já um pouco articuladas para dá origem e desenvolvimento da comunidade<sup>21</sup>, Severino Tavares já tinha vivenciado a experiência da comunidade de Caldeirão e Juazeiro-CE. Num primeiro momento, seu plano era juntar e formar pessoas dentro de suas propostas religiosas e morais e depois levar o

<sup>20</sup> “O palco da guerra se estendeu por um raio de 400 quilômetros quadrados, envolvendo os povoados vizinhos de São José, Proeza, Minadouro, Cachoeirinha e Olho D'Água - que pertenciam a São Raimundo Nonato, no Piauí -, e Lagoa do Alegre, São Bento e Ouricuri, distritos de Casa Nova, na Bahia”. (Guerra de Pau de Colher *O Estado de S.Paulo* 19 Dezembro 2010 | 00h00).

<sup>21</sup> A passagem do beato Severino Tavares em Pau de Colher serviu de inspiração e orientação para Senhorinho líder da comunidade e que depois também atingiu o título de Beato. Por sua vez o beato Severino Tavares era orientado pelo beato José Lourenço líder de Caldeirão. Este último tinha a influência do próprio Padre Cícero. Ficam a perguntas, então: Qual seria a influência direta ou indireta do Padre Cícero em Pau de Colher? Parece que seus ideais mesmo dispersos estavam presentes. Teria ele e seus beatos uma estratégia social e religiosa diferente do status quo para os sertanejos? E se Caldeirão e Pau de Colher tivesse dado certo como Juazeiro? Possivelmente a geografia e sociedade do interior do sertão tivesse tido outro rumo. Sobre a figura dos beatos: “Típicas figuras da mística sertaneja, os beatos têm sua origem nas ordens religiosas femininas das “beatitas”, criadas a partir da metade do século XIX, sem aprovação eclesial, pelo padre Ibiapina, personagem legendária do movimento de reforma católica do Nordeste”. (Cehila, 1985; Della Cava, 1977; apud POMPA, 2009, p.82).

povo para a comunidade de Caldeirão ou até mesmo Juazeiro alimentando na vida do povo uma utopia: renovação espiritual e esperanças de melhorias sociais<sup>22</sup>.

O projeto de viagem não estava claro para todos; em geral, as pessoas sabiam que “era pra viajar”, mas não sabiam quando, nem exatamente para onde. Pelas informações, parece-me que apenas as pessoas mais próximas da *leadership*, ou aquelas que já conheciam a experiência do beato Lourenço, tinham como meta o Caldeirão. Para a maioria, a meta dessa suposta viagem era Juazeiro (POMPA, 2009, p.76).

Percebe-se logo que geograficamente o local de Pau de Colher é de fácil acessibilidade para pessoas de pelo menos dois estados Bahia e Piauí com isso as lideranças teriam maior facilidade para arrebatar pessoas para suas novas propostas de organização social e religiosa para o povo sertanejo. Ao mesmo tempo o local seria de fácil fuga (dispersão) no caso em que as propostas de criação da comunidade de Pau de Colher fossem retalhadas pelo *status quo*; o que de fato aconteceu<sup>23</sup>. O local também era relativamente próximo a Pernambuco e não tão distante do estado do Ceará, basta lembrar que para alguns Pau de Colher seria uma espécie de filial de Caldeirão. De fato, durante o conflito devido a sua posição geográfica houve a mobilidade de volantes do Piauí, Bahia e Pernambuco, depois ao final do conflito as pessoas que fugiram para o “mato” também se espalharam por diferentes estados. Além dos que se espalharam pelo mato, não se pode deixar de mencionar o trágico episódio das crianças órfãs.

Apesar de o local ser acessível para as pessoas que conheciam a região o mesmo não valia para os desconhecidos. Por isso, a partir do momento que as autoridades resolveram dizimar Pau de Colher surgiu uma grande confusão se agiriam os baianos, piauienses, ou pernambucanos. Por fim, a escolha pela localidade de Pau de Colher como estabilização por parte de suas lideranças parece ter sido o melhor lugar geográfico para formação da comunidade, o melhor local para que seus líderes arrebatassem mais pessoas a aderirem suas propostas de organização da sociedade e se manterem distantes dos centros urbanos coronelistas. Basta lembrar o grande número de lugares visitadas pelo beato Severino Tavares e em nenhum deles se estabeleceu um arraial:

Entre os anos de 1933 e 1935, vindo do Caldeirão, Severino percorreu em vários sentidos o interior dos municípios de Juazeiro, Remanso, Casa Nova e Sento Sé todos situados na região do Médio São Francisco no Estado da Bahia... A partir de Ouricuri, Severino percorreu, em ordem decrescente, diversas fazendas como São João, Queimadas, Pau de Colher, Malvão, Santa Cruz, Castanheiro, Batateiro, atingindo Lagoa do Alegre. (DUARTY, 1968, p.7; apud LEANDRO, 2003, p. 26).

<sup>22</sup> Vale lembrar aqui as colocações de Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro: “Há uma transitoriedade em Pau de Colher, mas o seu aspecto transitório não deve minimizar a importância do movimento, nem reduzi-lo a algo passageiro, deslocando o foco para o Movimento do Caldeirão de José Lourenço”. (LEANDRO, 2003, p. 24-25).

<sup>23</sup> Apesar de que, fugir do local que se tornou uma utopia de libertação social, econômica e religiosa não era a ideia de pelo menos boa parte dos paudecolherenses; basta entender que muitos deles resistiram até a morte. “No segundo dia de luta, à noite, aconselhei-os a que se retirassem a fim de alimentarem as crianças e dar-lhes água, prometendo-lhes que não daria mais nem um tiro. Aceitaram essa proposta Mas aconteceu que os mais fanáticos declararam que dariam o último tiro, morreriam ali e não abandonariam o Padrinho. E foi assim mesmo”. (GUEIROS, 1956, pp. 140-50; apud POMPA, 2009, p.77-78).



Nesse sentido, pelo menos três fatos contribuíram para que Pau de Colher se institucionalizasse como lugar para que Severino Tavares através de Senhorinho e tantos outros colocassem em marcha seu plano. O primeiro deles, o local era geograficamente estratégico: lugar de extremas onde se pode ajuntar e dispersar facilmente em estados diferentes possibilitando o sucesso de sua empreitada, mas também a dispersão e salvação de seus adeptos em estados diferentes no caso de fuga, garantindo assim a sobrevivência de alguns. O segundo também ligado à geografia era à distância da comunidade das cidades da época; o que possibilitou tempo e espaço para que as lideranças colocassem em prática seu plano, pelo menos em parte, longe da intervenção de autoridades políticas, religiosas e militares. O terceiro ponto fundamental foi o encontro de Severino com Senhorinho que possibilitou uma rede de contatos e estabilidade, pelo menos por pouco tempo, para os ideais de Severino Tavares. Os beatos tinham lá suas sabedorias próprias e essas sabedorias evoluíam; Canudos não era tão distante de Pernambuco e Sergipe; Caldeirão bem acessível a Pernambuco e Piauí. Por isso, a escolha de ajuntamentos parece seguir uma regra: um lugar de extremas (fronteiras).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Recordamos Eco (2018, p.536) quando diz que “os livros falam sempre de outros livros e cada história conta uma história já contada”. É nesse sentido que este trabalho se coloca como um mosaico de recortes elaborado sobre as diversas bibliografias do assunto. Por isso, os estudos deste artigo se articulam primeiro como um registro, uma memória e lembrança dos 80 anos da guerra do Pau de Colher. Com esse estudo procuramos direcionar as preocupações do grupo de pesquisa Sertão Filosófico para um acontecimento histórico dentro da contemporaneidade sertaneja.

Não quisemos aqui exibir uma explicação completa e linear do conflito, por exemplo, expondo uma lógica holística de origem, desenvolvimento e fim do arraial. Baseado na bibliografia que esteve ao nosso alcance tentamos expor uma breve introdução ao tema do artigo, depois disso, nos ocupamos do problema dos números da guerra principalmente à quantidade de mortos. Diante das pesquisas já realizadas por vários autores nos ocupamos apenas de fazer considerações sobre os dados. Elegemos dois das personagens do conflito e fizemos uma breve explicação de suas atitudes no processo de origem e desenvolvimento da comunidade. Também neste ponto quisemos apontar como os dois líderes apenas potencializaram os sentimentos e anseios que aquele povo trazia guardado no peito. Sonhos de liberdade e melhorias sociais. Mas, no andar da carruagem

muita coisa deu errada e a presença da violência, morte e dor fez, em certo sentido, de Pau de Colher, uma tragédia social.

Outro ponto da nossa atenção foi sobre a localização geográfica de Pau de Colher. Este estudo estar conectado ao ponto anterior no sentido de expor a ideia de que os líderes da comunidade tinham um plano, e objetivos claros desde a escolha do local de fácil ajuntamento e dispersão, até seus códigos de moral e religião para os comportamentos dos adeptos. Portanto, esse povo jamais foi apenas um bando de fanáticos, jagunços, bandoleiros, cangaceiros termos pejorativos que foram intencionalmente atribuídos às pessoas de Pau de Colher para desmoralizar, desacreditar, julgar e abafar aquele movimento sertanejo.

Nesse sentido, os temas de origem, desenvolvimento e conclusão da comunidade terminam sendo tocados e explicitados em alguns pontos deste trabalho sem seguir uma linha cronológica, mas dispersos no todo do texto. É, portanto, um texto de memória dos oitenta anos do conflito, é ainda uma oportunidade de divulgar um evento ainda pouco estudado na sua riqueza de aspectos, a fim de que os estudiosos e pesquisadores possam se dedicar com mais afinco ao acontecimento Guerra do Pau de Colher. Sugerimos aqui a proposta já ventilada em conversas com algumas pessoas de se criar UM MUSEU OU MEMORIAL EM HONRA E MEMÓRIA DE PAU DE COLHER, para isso, é claro, necessita-se de uma mobilização que envolva muitas pessoas: instituições de estudo e pesquisas, comunidade, poder público e religioso etc.

Um projeto do gênero seja em Pau de Colher ou povoado vizinho (Lagoa do Alegre) seria não apenas uma memorização, mas também um modo de movimentar o turismo no interior do sertão trazendo possíveis melhorias econômicas para as pessoas do local, com guias turísticos e visitas ao lugar. Sugerimos ainda maior divulgação, participação e potencialização da romaria local já existente. Por fim, queremos apenas contribuir nos estudos desse evento, colocando nossas opiniões dentre tantas outras na esperança de ter sido uma janela que se abrirá para pesquisas mais aprofundadas em outros aspectos do fenômeno “Guerra do Pau de Colher”.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

**CARDOSO, I. A. R. Foucault e a noção de acontecimento.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP: S. Paulo, V. 7 (1-2), p. 53-66, out. 1995.

**DAMASCENO, Marcos Oliveira. Guerra de Pau de Colher: massacre à sombra da ditadura Vargas.** Dom Inocêncio: Produtora Sertão, 2013.

**GUERRA de Pau de Colher.** O Estadão, São Paulo, 19 dez. 2010. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,guerra-de-pau-de-colher-imp-,655603>. Acesso: 01 ago. 2019.

**LEANDRO, Ana, L, A, L. O movimento de Pau de Colher na perspectiva dos atores: relações entre significações da religião e da miséria.** 2003. 155f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

**MAGALHÃES, Juliana. “Raiz e semente da história”: 80 anos do massacre de Pau de Colher.** Juazeiro - CPT Bahia -Notícias da Diocese. 11 Dez 2018. Disponível em: <http://diocesedejuazeiro.org.br/raiz-e-semente-da-historia-80-anos-do-massacre-de-pau-de-colher.html>. Acesso: 01 ago. 2019.

**POMPA, Cristiana. Memórias do fim do mundo: o movimento de Pau de Colher.** Revista USP: São Paulo, n.82, p. 68-87, jun./ago. 2009.

**QUEIROZ, R. S. Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânico milenaristas.** Revista USP: São Paulo, n.67, p. 132-149, set./nov. 2005.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

**BRITO, G. M. Memórias de e sobre pau de colher: como os sujeitos lembram?** Proj. História: São Paulo, (17), p.381-396, nov. 1998.

**DUARTE, Raymundo. Um Movimento Messiânico no Interior da Bahia.** Revista de Antropologia, 11 (1-2). São Paulo, pp. 41-50, 1963.

**MONTEIRO, Filipe Pinto. A Santíssima Trindade nos Sertões: Severino Tavares e a gestação do movimento messiânico-milenarista de Pau de Colher (Casa Nova, Bahia, 1934-1939).** Revista Crítica Histórica: Maceió. Ano I, Nº 2, p.50-78, dez, 2010.

**MEDEIROS, Pedro, C. No Reino do Paraíso Terrial: Rebeldes devotos da Pedra Encantada do Rodeador: Pernambuco 1820.** 2018. 183f. Dissertação (Mestrado em História social) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2018.

**MALVEZZI, Roberto. História de Pau de Colher - o último grande movimento messiânico do Brasil**, ed. Diocese de Juazeiro.

**OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. De Caldeirão a Pau de Colher: A guerra dos caceteiros**, ed. Engeo, Vitória da Conquista, 2001.

**POMPA, Cristiana. A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil “rústico”**. Rev. Antropol: São Paulo, vol.41 n.1 1998.

**SILVA, Francivaldo Mendes da. Pau de colher: narrativas de luta e fé no sertão da Bahia**. 2008. 155 folhas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

**SBARDELOTTO, Moisés. Santos, peregrinos e demonófobos: os movimentos messiânicos e milenaristas brasileiros. Entrevista especial com Filipe Pinto**

**Monteiro**. São Leopoldo, 08 jan. 2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/39638-santos-peregrinos-e-demonofobos-os-movimentos-messianicos-e-milenaristas-brasileiros-entrevista-especial-com-filipe-pinto-monteiro>. Acesso: 01 ago. 2019.